



FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO

“O rap salvou mais moleque que qualquer projeto social”: reportagem
multimídia sobre o rap em Campo Grande

ENZO PEREIRA CARDOSO

Campo Grande

NOVEMBRO /2024

FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO

Cidade Universitária, s/nº - Bairro Universitário

79070-900 - Campo Grande (MS)

Fone: (0xx67) 3345-7607 <http://www.ufms.br>

<http://www.jornalismo.ufms.br> / jorn.faalc@ufms.br



“O rap salvou mais moleque que qualquer projeto social”: reportagem multimídia
sobre o rap em Campo Grande

ENZO PEREIRA CARDOSO

Relatório apresentado como requisito parcial para aprovação na Componente Curricular Não Disciplinar (CCND) Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do Curso de Jornalismo da Faculdade de Artes, Letras e Comunicação (FAALC) Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

Orientador: Prof. Dr. Felipe Quintino

FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO

Cidade Universitária, s/nº - Bairro Universitário

79070-900 - Campo Grande (MS)

Fone: (0xx67) 3345-7607 <http://www.ufms.br>

<http://www.jornalismo.ufms.br> / jorn.faalc@ufms.br



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



ATA DE DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Título do Trabalho: "O rap salvou mais moleque que qualquer projeto social"

Acadêmica: Enzo Pereira Cardoso

Orientador: Felipe Quintino Monteiro Lima

Data: 27/11/2024

Banca examinadora:

1. Mário Luiz Fernandes
2. Marcos Paulo da Silva

Avaliação: (x) Aprovado () Reprovado

Parecer: A banca examinadora fez a solicitação de uma revisão minuciosa no relatório de trabalho de conclusão de curso, com os ajustes indicados.

Campo Grande, 27 de novembro de 2024.

NOTA
MÁXIMA
NO MEC

UFMS
É 10!!!



Documento assinado eletronicamente por **Felipe Quintino Monteiro Lima, Professor do Magisterio Superior**, em 28/11/2024, às 14:01, conforme horário oficial de Mato Grosso do Sul, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

NOTA
MÁXIMA
NO MEC

UFMS
É 10!!!



Documento assinado eletronicamente por **Laura Seligman, Coordenador(a) de Curso de Graduação**, em 28/11/2024, às 14:23, conforme horário oficial de Mato Grosso do Sul, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufms.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5246091** e o código CRC **6E31D0D4**.

COLEGIADO DE GRADUAÇÃO EM JORNALISMO (BACHARELADO)

Av Costa e Silva, s/nº - Cidade Universitária

Fone:

CEP 79070-900 - Campo Grande - MS

Referência: Processo nº 23104.016982/2024-74

SEI nº 5246091



AGRADECIMENTOS

Nessa vida existem amores, vícios e obsessões. O amor pelo jornalismo me motiva a desbravar temáticas e me inserir em contextos nunca antes inseridos, o meu vício pelo Rap me inspira a sempre dar o meu melhor. A minha obsessão em usar do jornalismo para contar novas histórias, não me permite parar de correr ou fraquejar porque mesmo não sendo fácil precisa ser feito e como forma de agradecimento ao movimento que me acolheu, eu realizei este produto em tributo ao Rap em Campo grande, suas faces, seus estilos e seus sonhos.

Um agradecimento especial ao meu pai, minha mãe, minha ‘mãedrastra’, minha avó, sangue do meu sangue, um obrigado por cada gota derramada por vocês para que eu não sangrasse, todos os caminhos abertos para que eu pudesse correr. A Fernanda, minha namorada, minha nova família. Obrigado por sempre me apoiar independente da fase, sem você esse projeto não existiria. Aos meus amigos, Ana Carolina, Reuel, Guilherme, Alexandre, Breno, Sanmyr, Daniel, Helder, Malulei, Gean, que colaboraram para que esse projeto existisse, sou eternamente grato pela amizade de vocês.

A cena do Rap em Campo Grande, eu agradeço pelo acolhimento, receptividade que eu tive com todos os artistas entrevistados, Corujex, M4druga, Du Mato, Marco, Lattyna, e a todos os que fortalecem o movimento do Rap na cidade. Este projeto não é apenas sobre vocês, mas para vocês!

Sem todas essas pessoas não existiria esse projeto e acima de tudo eu não existiria. Até aqui tudo o que fiz foi por nós, é nós.

FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO

Cidade Universitária, s/nº - Bairro Universitário

79070-900 - Campo Grande (MS)

Fone: (0xx67) 3345-7607 <http://www.ufms.br>

<http://www.jornalismo.ufms.br> / jorn.faalc@ufms.br



SUMÁRIO

| | |
|-------------------------------|----|
| Resumo | 5 |
| Introdução | 6 |
| 1. Atividades desenvolvidas | 8 |
| 1.1 Execução | 9 |
| 1.2 Dificuldades encontradas | 13 |
| 1.3 Objetivos alcançados | 14 |
| 2. Suportes teóricos adotados | 14 |
| 3. Considerações finais | 20 |
| 4. Referências | 21 |



RESUMO:

A reportagem multimídia “O Rap salvou mais moleque que qualquer projeto social”, por meio de textos, fotos, vídeos e áudios, destrincha as características do rap na cidade de Campo Grande (MS), com foco no seu impacto em jovens periféricos, no quesito socioeconômico e no papel educacional. O trabalho é fruto de uma ampla pesquisa bibliográfica sobre o movimento Hip Hop, assim como a sua atuação na capital. Foram realizadas entrevistas com cantores, produtores, ativistas que usam o rap para militância social e educadores que têm este movimento como ferramenta pedagógica. A apresentação é em formato de site, diagramado na plataforma Readymag. Buscou-se trabalhar a parte multimidiática do tema, principalmente, a musicalidade e também a ferramenta de imersão do leitor na reportagem, por conta dos diversos elementos visuais. O material está disponível em: <https://readymag.website/u3986443405/5080178/>

PALAVRAS-CHAVE:

Reportagem multimídia; Campo Grande; Rap; jovens; educação.



INTRODUÇÃO

O *Hip Hop* é um movimento cultural criado nos Estados Unidos por imigrantes jamaicanos que viviam na periferia de Nova York. Iniciado nos anos 70, teve a proposta de transformar as dores da população como a violência, fome e pobreza em expressão artística, por meio de ritmos, rimas e poesia (SANTOS; MENDONZA; ELIAS, 2003). No Brasil na década de 80 o *Hip Hop* se instaurou nas periferias de São Paulo com a mesma proposta de ser um meio de revolta não violenta das pessoas periféricas. Existem quatro elementos principais do *Hip Hop*: o rap, música feita pelos MC's¹; o Grafite; a expressão visual; o DJ, que é quem cria as batidas e ritmo do som cantado no rap; e o *Breaking*, que manifesta a cultura através da dança. Este presente trabalho possui como foco apenas o rap, não o movimento como um todo. *Rhythm and poetry* (ritmo e poesia) é o significado por trás da sigla, que trás uma poesia diferente dos livros de literatura, retratando principalmente as vivências e sonhos dos que o cantam. Outra característica a ser ressaltada e que também é abordada em meu texto, são os *freestyles*, vertente na qual se utiliza do improvisado para idealizar as letras e que atualmente se desenvolveu para batalhas de MC, na qual os *rappers*, duelam com suas rimas improvisadas. É importante destacar as termologias em inglês que foi utilizada tanto em meu produto quanto em meu relatório (flow, beat, rapper...), para esclarecer que o uso de termos na língua inglesa não tem objetivo de remeter ao rap estadunidense, o seu uso se dá pela implementação dessas palavras a cultura do rap brasileiro.

Essa cultura foi popularizada nas periferias do Brasil e assim surgiram grandes nomes que alcançaram sucesso nacional, como o grupo Racionais MC's, Sabotage, Emicida, Marechal MC entre outros, o que tornou o Rap para além do seu caráter de denúncia e revolução, uma possibilidade de ascensão social. Esses artistas assim como muitos outros têm suas origens na periferia, espaço da área da cidade que abriga grande parte da população de baixa renda. Santos e Leite (2017) definem que a periferia é a concentração da desigualdade social e através da lógica capitalista esse status é mantido como característica deles. Para os jovens de periferia, as oportunidades de ascender socialmente são escassas, pois vivem num padrão de manutenção da

¹ MC's: Mestre de Cerimonias, são os cantores de rap.



pobreza. Aplicando esse conceito para Campo Grande, as características de periferia não se alteram, conforme música, “periferia é periferia” do grupo Racionais MC’s, as identidades se mantêm a mesma, botecos abertos e escolas, vazias, milhares de casas amontoadas e molecada sem futuro. a capital apresenta segundo levantamento da Central Única das Favelas (CUFA) revelou que Campo Grande, a capital do Mato Grosso do Sul, possui atualmente 55 favelas abrangendo 46 mil famílias, totalizando mais de 70 mil pessoas vivendo em condições precárias. Um ponto de destaque, a palavra ‘marginalizado’ também foi utilizada tanto no relatório quanto no produto final, apesar de trazer um sentido ambíguo, o objetivo do uso desta palavra é evitar repetição da palavra periferia, portanto, marginalizado foi utilizado para representar exclusão, pessoas que vivem à margem da sociedade.

Até mesmo na educação, que já não é de fácil acesso, existe um preconceito de muitos professores, gerado pela ideia de que a juventude periférica tem uma linguagem pobre, agressiva, marcada por palavrões e distante da norma culta (ANDRADE,2000). Somado à falta de qualidade desse ensino, os que conquistam o acesso às faculdades públicas são exceção à regra.

O Rap então se apresenta como uma alternativa para esses jovens. Uma nova possibilidade para que, através da música, eles possam primeiramente converter as dificuldades do seu dia-a-dia em revolta musical, bem como ter uma melhor renda pela arte. É um possível caminho para que as experiências da vivência na periferia não sejam como ilustra a música do rapper Leall (2021):

Que hoje eu vi a morte passar na minha frente
Com quantos milagres terei um futuro?
Velório ou julgamento?
Detento ou defunto?
Solidão ou luto?
Onde a sua mãe se frustraria menos?
(LEALL,2021)

Para além da ascensão monetária, o Rap também pode ter caráter de fomentar a educação dos jovens, como busca o projeto “Livrar”, criado pelo rapper Marechal MC e sua gravadora Vamos Voltar a Realidade (VVAR) em 2012. A ideia nasceu no sarau dos mesquiteiros na Zona Leste São Paulo, o nome vem da soma das palavras ‘livro’ mais ‘levar’ e assim deu-se origem a um projeto que começou com livros distribuídos “de mão em mão”. Hoje já são 12 anos de existência, com a conquista da marca de mais de 10 mil livros distribuídos.



O formato escolhido para a realização desse projeto foi o de uma Reportagem multimídia. Durante as minhas experiências de graduação cheguei à conclusão que o principal objetivo do jornalismo é contar histórias. Então, irei expor as vivências de jovens marginalizados da capital sul mato-grossense e como o rap proporciona oportunidades de ascensão social, econômica e cultural. As características da reportagem multimídia conversam com o público alvo, pois a variedade de informação, com textos, imagens, vídeos, áudios e infográficos, facilita a interação do leitor com o texto, tornando-o dinâmico, fator essencial na comunicação com os jovens. Assim, irei relatar essas experiências de vida da juventude periférica e expressar a musicalidade do tema.

Um ponto importante é que ao observar a lista de Trabalhos de Conclusão de Curso (TCCs) de Jornalismo na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, a elaboração de uma reportagem multimídia, voltada ao Rap, com o enfoque na juventude, se mostra como algo novo, visto que há poucos trabalhos que abordam este tema, podendo agregar as amplas temáticas do curso.

1- ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

Para a realização deste projeto foi escolhido o formato de grande reportagem, então os seguintes aspectos foram trabalhados:

- Textual: narrando o cenário de rap no estado e a forma que ele impacta na vida de jovens marginalizados.
- Audiovisual: utilizando imagens, vídeos e áudios para retratar o movimento Hip Hop como um todo, visto que o Rap é apenas uma ramificação desta ideia maior.
- Gráfico: com a criação de um site diagramado no *Readymag*, com foco na visualização em tela de computador, que tem modo de exibição de 16:9 (*Widescream*). O objetivo foi utilizar os elementos gráficos do Hip Hop, principalmente do grafite, para imergir o leitor na temática e facilitar o entendimento do efeito da música na vida de jovens periféricos.

As etapas definidas no pré-projeto para a construção deste Projeto Experimental foram monitoradas pelo meu orientador sem necessidade de alteração. Os processos da produção textual,



gráfica e audiovisual foram todos realizados por mim, com ressalva a captação de imagens de grafites de rua, que tive ajuda de colaboradores.

1.1 Execução:

1.1.1 - Escolha do tema, Formato e Pesquisa

O tema foi escolhido por conta da minha familiaridade com o assunto e o desejo de aumentar a visibilidade de um movimento que tem ganhando força em nível nacional, mas que em Campo Grande ainda não tem reconhecimento tampouco apoio governamental a novos talentos. Nesse contexto na disciplina, “Pesquisa em Jornalismo” eu fiz uma busca para entender o cenário Hip Hop e principalmente o Rap na capital sul mato-grossense, onde se localizavam os principais pontos e quem eram os principais artistas. Com esta base, possibilitou-se a criação do pré-projeto e, posteriormente, desenvolvimento da reportagem multimídia. O formato foi escolhido visando as características do movimento que eu estava cobrindo. Mesmo que o principal da música seja a sonoridade, o contexto de coletividade que o rap está inserido cria um mutualismo com as outras ramificações do movimento, logo a questão visual teria de ser abordada, com foco maior no grafite. Já a parte textual foi pensada por conta das possibilidades de uso de figuras de linguagem e a criação de uma narrativa que aproxima o leitor e o emerge ainda mais no texto, a mesma ideia se aplica ao formato de exibição do produto, um site, onde todas as multimídias são postas de forma a prender a atenção do consumidor e aproximá-lo do coletivo Hip Hop.

Durante todo o processo de criação deste projeto, a pesquisa foi contínua, conhecendo os locais de batalha de rimas da cidade, os artistas locais, cobrindo eventos de rap e desenvolvendo leituras sobre o enfoque da minha produção, as maneiras pelo qual o rap impacta na vida de jovens marginalizados.

Um ponto a ser ressaltado no formato é a identificação das fontes, que não seguem o padrão jornalístico comum, de apresentar o nome completo e me referir a eles pelo sobrenome. Escolhi me referir unicamente pelo nome artístico, no primeiro momento por respeito a eles como artistas que querem ser reconhecidos pela sua arte e também pelo nexo do meu objetivo de apresentar o cenário de rap na cidade. Fazer referência aos cantores pelo seu nome de certidão não seria coeso. A escolha também se deu pela falta de informações



personais das fontes, para constituir um perfil dos artistas antes da carreira musical. Outro ponto é o uso da palavra “Rap” sempre com “R” maiúsculo pois eu trato em meu produto do estilo transcender a barreira musical, se personificando em cada ouvinte de forma única. Então Rap se torna nome próprio, mesmo sem um corpo material é um ser vivo em cada um que ele atinge.

1.1.2 - Entrevistas

A partir da ideia inicial somei os meus conhecimentos prévios sobre o tema e as pesquisas e defini que para este projeto estar completo eu precisaria de fontes personagens que sonham em viver de Rap, mas não apenas no sentido econômico, mas também no sentido emocional, utilizando-se da música como ponto de amparo e conhecimento para a vida. Uma pessoa que utiliza o movimento como forma de ativismo, pois uma das características do Hip Hop é a criação, é a revolta social feita de forma pacífica. Alguém que buscasse e participasse da mudança social seria importante. Por último um professor que tivesse pesquisas sobre o Rap, para tratar do caráter educativo da música, tanto na educação formal, como pela cultura de rua.

Para a escolha das fontes personagens, busquei jovens que estão começando a sua carreira na música, para assim narrar os seus percalços iniciais e sonhos que almejam alcançar. Então por indicações de amigos, fui apresentado a possíveis fontes, o contato foi feito pelas redes sociais, eu apresentei o meu projeto para as fontes e assim marquei a primeira entrevista com o Marco Antônio Dias, visando um texto narrativo, a abordagem foi com maior foco na conversa, saber mais sobre a fonte como um todo, mas também focando pontualmente no Rap e na sua relação com a música. Seguindo esta metodologia de entrevista, as próximas foram com o Corujex e o M4druga. O contato com eles também ocorreu pelas redes sociais e fui até a casa deles que também é um estúdio. A decisão de ir até as fontes foi para excluir os fatores de pressão e nervosismo que uma entrevista causa e também para ter uma vivência junto deles, um momento além do profissional, o que me agregou na construção narrativa do meu projeto. Já para as fontes Alisson Benites, “Du Mato” e o professor Dario Neto, uma abordagem mais direta foi aplicada, com um enfoque maior em um tema, no caso do Alisson a sua militância por meio do Rap e para o professor, o caráter educador do gênero, visto que o Dario, principalmente, é uma fonte especialista.



As perguntas pontuais facilitaram a construção do texto. Tanto ele quanto a DJ Lattyna foram entrevistados através da plataforma Google Meet. A razão para esse formato foi a falta de agenda das fontes para me atender, então mesmo não sendo o ideal foi o melhor meio encontrado para acontecer a entrevista.

1.1.3 – Multimídia

A produção das multimídias começou inicialmente com um *brainstorm* sobre quais pontos do Rap eu conseguiria retratar por meio de imagens, vídeos e áudios. Assim defini que as imagens seriam dos grafites feitos nas ruas da cidade, com o intuito de mostrar que o movimento é vivo, mesmo que para muitos isso passe despercebido, a expressão visual está presente. Para a captação destas imagens contei com ajuda de colaboradores que fizeram fotos e me enviaram, para assim ter um número alto de imagens, que compuseram a diagramação do produto. O objetivo era ter uma variedade imagética e evitar repetições. O texto ainda conta com imagens das fontes e de shows que aconteceram na capital. Essas foram captadas por mim, com exceção da foto do Corujex que foi por meio de arquivo pessoal.

Para o vídeo, a ideia foi de retratar o Rap em Campo Grande como algo real, ativo e em constante evolução, para isso foi criado um texto de crônica, pois desta forma a uma imersão do telespectador e também assume um caráter emocional na busca de expor o impacto que o Rap têm para aqueles que o vivem. Para estar em sincronia com o áudio, os vídeos captados por mim, conversam com o que está sendo dito, para assim ter um nexo entre esses dois lados e também ser uma referencial visual da mensagem que eu busco passar.

Para o áudio, usei como base a música “Vozes” do *rapper* Tchelo Rodrigues, onde ele exhibe os sonhos de seus seguidores. Apliquei essa mesma ideia com as fontes, com o objetivo de expor suas metas de vida que eles almejam alcançar. Então no momento em que eu entrevistei todas as fontes, essa pergunta foi feita e prezando uma qualidade de áudio, foi pedido que as fontes falassem de forma pausada e tranquila.



1.1.4 – Projeto gráfico

A parte gráfica do meu projeto foi pensada para explorar as outras valências do Hip Hop, para além do Rap, então foi decidida a apresentação da grande reportagem em um site no readymag onde os elementos visuais seriam amplamente explorados para que o leitor seja imerso no texto e entenda o conceito do movimento e seus impactos. A plataforma do Readymag foi utilizada pois ela permite o uso fácil e gratuito de criação de site, além de possibilitar o uso livre de imagens, áudios e fotos. Na questão da formatação da página, o modelo de visualização escolhido foi o de *desktop* de 16:9 (*Widescream*). Tal decisão ocorreu, pois, há dois modos de exibição na plataforma, uma para celular e outra para computador, impossibilitando um meio que seja visível para os dois, logo dei preferência a segunda opção.

Para a confecção da minha capa, eu produzi uma colagem de imagens de grafites de rua, sem um *grid* definido, para dar uma ideia de movimento das imagens, que se completam pelas suas cores, que foram realçadas em edição, para que assim transmitam a ideia do que é o Hip Hop, um movimento enérgico, em constante desenvolvimento, que se expõem sem medo. Foi encomendada ilustração da logomarca contendo a escrita “Rap cg”, na tipografia de escrita do grafite para ter um nexos com o tema. Escolhida nas cores preto e amarelo para que contraste com o fundo, de uma forma visível, mas que também converse com a colagem. Sua apresentação visual no site, está pulsando, representando um coração batendo, para representar a ideia do movimento ser um organismo vivo.

Acima foi escrito o título do projeto, “O RAP SALVOU MAIS MOLEQUE QUE QUALQUER PROJETO SOCIAL”; com a tipografia “urban heros” na cor vermelha e com a mesma escrita em amarelo a sobrepondo, para assim dar uma impressão de movimento e remeter a característica orgânica dos grafites. Importante ressaltar a escolha deste título é derivado de uma música do *rapper* Emicida “Isso não pode se perder”. Motivada pelo peso da frase, com o intuito de impactar o leitor e posteriormente explicar por meio da narrativa textual a veracidade da letra. Ela não se trata de uma opinião pessoal minha, logo foi colocada entre aspas. A questão das cores foi planejada o uso de paletas de cores vibrantes, que conversassem com a energia do movimento, o uso de vermelho e amarelo vibrantes foram as cores escolhidas



para representas as cores principais. Também foi utilizada outra ilustração encomendada de lata de spray de tinta, criar o efeito como se a letra do título estivesse sendo pichada.

Para o corpo do texto, não foram utilizadas muitas imagens, ou cores vibrantes, para que a atenção não fosse roubada do essencial, o texto. Desenhou-se um *grid* específico para todas as páginas, composto por imagens de grafites na horizontal, no centro, um retângulo preto com uma leve opacidade e dentro do retângulo, o texto corrido em uma única coluna, visto o modo que o Readymag funciona. Assim foram feitos diversos de modelos, sendo alternados entre si. O uso de imagens também foi integrado de forma a ser inserido dentro do retângulo preto. A mesma ideia foi aplicada para o áudio. A fonte escolhida para o corpo do texto foi a Verdana, pois tem boa legibilidade e a variação de cores para amarelo nas citações não altera esse critério.

Nas páginas de subtítulo, um caráter minimalista foi adotado, a mesma forma do título da capa, a fim de criar uma padronização Um adendo: no subtítulo GIGANTES, foi utilizado também uma ilustração de um rádio e um microfone, no estilo estadunidense, para referenciar as origens do Hip Hop.

Da mesma forma que foi realizado no título e subtítulos, para algumas citações e letras de música, também destaquei com esta escrita em grafite, para dar destaque a pontos-chaves do texto, de alta relevância. É importante ressaltar que desde a escrita do texto, já destaquei a forma que seria construída a diagramação.

1.2 Dificuldades encontradas

A princípio, o fato de não ter dados de fácil acesso na internet sobre o início do Rap em Campo Grande - MS, nem sobre as batalhas de rima que ocorrem na cidade dificultaram a minha pesquisa. O acesso a algumas fontes que já reconhecimento maior no estado, vivem de música a muito tempo e detém de uma certa fama, foi um problema, tanto pela falta de disponibilidade das fontes quanto pela falta de resposta de algumas, o que me levou a alterar o caminho das minhas fontes e focar apenas jovens que estão ainda no início de sua carreira,



visto que a ideia era fazer um paralelo com nomes do estado que já tem uma relevância nacional. Embora não tenha sido contemplado o cenário do rap em Campo Grande, na sua totalidade, o contexto em que a capital sul mato-grossense foi entregue de forma clara. O método de escrita também foi uma barreira, vide o pouco tempo para realizar o projeto, pois escrever narrativas demanda uma carga alta de referências para transmitir emoções de forma textual. Mesmo que seja um estilo de texto que eu esteja habituado a escrever, ao fazer um produto de larga escala tive problemas com o tempo de produção. Assim como a linguagem adotada, por ser um tema que possui um uso de gírias muito forte, esta adaptação ao texto foi um desafio entre o uso da linguagem coloquial e o modelo jornalístico de redação a ser seguido, o que resultou em um uso de uma escrita mais formal não adaptando ao estilo do rap propriamente. Sobre o desenvolvimento das fontes, a dificuldade de estabelecer uma ligação com algumas fontes, impossibilitou uma contextualização maior das suas origens. Assim gerando uma falta de desenvolvimento pessoal das fontes para além do artístico. Os fatores de tempo também afetaram a captação de fotos e vídeos dos locais de batalha de rima na cidade. Considerando o horário que ocorrem, fez-se incompatível com as minhas obrigações extra-acadêmicas. Tal fato, entretanto, não alterou o produto final. Porém se eu tivesse mais tempo para desenvolver o tema, algumas fontes e relatos pessoais transmitidos em narrativa textual seriam adicionados.

1.3 Objetivos alcançados

Conforme o meu pré-projeto, apresentei que o meu objetivo era narrar como a juventude periférica da cidade tem uma chance de ascensão por meio do rap. Tive êxito em concluir este objetivo, apresentando as diversas oportunidades que o movimento apresenta para os indivíduos, abordando os âmbitos econômicos, sociais e motivacionais. Embora a questão de ascensão econômica não seja a realidade das minhas fontes, o objetivo da realização pessoal delas como artistas foi abrangida, somado ao fato delas estarem no início de suas carreiras, logo a progressão monetária está em evolução.

Os objetivos específicos foram em sua grande maioria concluídos, com exceção ao último, “analisar a razão dos preconceitos acerca do Rap como cultura e gênero musical”. Esta questão foi



tratada em meu texto de uma forma mais amena, sem aprofundamento na temática, pois analisei que deveria conter uma ampla discussão em meu texto, o que sairia do meu cronograma para o término deste produto. Optei então por não me contextualizar com veemência o assunto. Sobre os outros objetivos, consegui desenvolver da forma que planejei as narrativas das fontes personagem, abordar o rap na capital e explicar a força do movimento a ponto de se tornar algo cultural principalmente para as populações marginalizadas.

2. SUPORTES TEÓRICOS ADOTADOS

2.1 Cultura do Rap

O rap tem uma característica de certa forma comum no meio musical, que é a narrativa de uma história. Porém, no rap a questão serve a uma máxima, “rap é compromisso”, criada pelo falecido *rapper* Sabotage. Com relato de vivências na periferia, contos sobre suas dores, preconceitos e racismo sentidos na pele dia após dia, a mensagem de denúncia é passada no Rap. O próprio termo tem sua origem remetendo este embate, a sigla remete ao inglês *rhythm and poetry* (ritmo e poesia), mas é usada mesmo antes do movimento, conforme Loureiro (2016) afirma:

“O uso da palavra “rap”, há tempos presente nos dicionários de inglês, remonta ao século XIV. Referindo-se a algo como “bater” ou “criticar”, antes mesmo da eclosão da música rap o termo já aparecia no contexto de jogos de improviso e insulto verbal, prática corriqueira entre negros de algumas cidades dos Estados Unidos.” (LOUREIRO,2016, p.236)

Então com o objetivo de criticar as situações vivenciadas se criou no Brasil os conceitos de “velha escola” que foram os precursores do rap no país, trazendo não somente a crítica mas também a midiática e valorização econômica do gênero, que posteriormente foram evoluídos



pela “nova escola”, os artistas da atualidade, que atuam em um cenário de *maisntream*² (ANDRADE,2019).

A luta político-social é um dos focos contínuos do rap, que busca denunciar e conscientizar sobre os problemas estruturais como a pobreza, o racismo e a repressão, enfrentados por grupos marginalizados. Ao conceder protagonismo às vozes dos jovens, o rap gera movimentos de resistência e desafia as lógicas impostas pelo capitalismo.

Entretanto para a produção do Rap como música e mensagem é preciso uma reflexão do espaço no qual se vive, fazer uma ‘autoreflexão’, que Andrade (1999) caracteriza como questão vital para os rappers.

A partir do ‘autoconhecimento’ sobre a história da diáspora negra e da compreensão da especificidade da questão racial no Brasil, os rappers elaboraram a crítica ao mito da democracia racial. Denunciaram o racismo, a marginalização da população negra e dos seus descendentes” (ANDRADE,1999, p.29)

As produções do Rap colocam em questão a pauta racial, que no Brasil sempre foi tratada de forma velada, com o objetivo de questionar esse padrão. Um exemplo disso é a música “Conversa com uma menina branca”, lançada em 2022, pelo *rapper* Djonga, que relata a perspectiva de uma pessoa branca para com o racismo e a forma que ela o pratica de modo disfarçado.

Tive uma conversa com uma menina branca
Ela disse que sofreu bullying
Que na infância era geral junto
Que raça não era conteúdo
Que ela tinha vó preta e tudo
Brincava de pular o muro
Só uma vez que um não voltou
Coincidência foi só a cor
(DJONGA, 2022)

² *Mainstream*: O que está em voga, sendo tido como tendência ou como o principal em: autor que está no *mainstream* da literatura moderna.



Isso acontece devido à branquitude³ e à forma na qual ela opera que, segundo Bento (2002), é através do conceito de “pacto narcísico”, um pacto silencioso e protetivo entre pessoas brancas com intenção ou não de manter suas vantagens e privilégios. O *rapper* Baco Exu do Blues expõe esse acordo da branquitude, mostrando a forma na qual o povo periférico e negro é visto, na música “Bluesman”, lançada em 2018.

Eles querem um preto com arma pra cima
Num clipe na favela, gritando cocaína
Querem que nossa pele seja a pele do crime
Que Pantera Negra só seja um filme
(BACO EXU DO BLUES, 2018)

Este “pacto” pode ser visto a partir do movimento “*Black Lives Matters*” (Vidas Negras importam), que aconteceu nos Estados Unidos da América, em 2020, após o assassinato de George Floyd. O nome do movimento rapidamente se tornou hashtag nas redes sociais de todo o mundo, porém, ao mesmo tempo foi criada a hashtag “Todas as vidas importam”. Isso ocorreu pois a branquitude tem em seu cerne reforçar o poder e o privilégio (COELHO, ALVES, CABEÇA, 2022). Embora este seja um caso estadunidense, a situação no Brasil não é diferente. A pesquisa do Observatório Nacional dos Direitos Humanos (ObservaDH) aponta que as pessoas pretas e pardas são as que mais possuem o direito à infância e adolescência digna violado. Em 2022, 67% das crianças e 85% dos adolescentes assassinados no Brasil eram negros e negras. Além disso, este grupo étnico também são maioria entre os indivíduos em situação de rua, em 2023, 67% das pessoas que vivem na rua são negros. Há ainda a ideia de racismo estrutural, que é a normalização do preconceito, pois o mesmo já está enraizado nas relações sociais, políticas, jurídicas e econômicas. Isso faz com que a responsabilização individual e institucional por atos racistas não extirpe a reprodução da desigualdade racial (BATISTA, 2018).

Então era necessário se incluir e ressaltar que as suas vidas também importam mesmo que eles não sofram da mesma forma.

³“O pertencimento étnico-racial de branquitude, a posição de superioridade racial ocupada por este grupo, a forma como pessoas brancas se comporta e perpetua o racismo mantendo privilégios sociais, econômicos, políticos e subjetivos é chamado de BRANQUITUDE”. (COELHO, ALVES, CABEÇA, 2022, p 9).



2.2 A perspectiva de vida dos jovens marginalizados

As vivências juvenis nas periferias de Campo Grande são rondadas por adversidades, como a falta de oportunidade de um ensino de qualidade, devido aos altos preços das escolas particulares ou ao o ensino público sendo muito defasado, com falta de professores, falta de infraestrutura. Isso gera uma manutenção da pobreza nas periferias (Santos, Leite, 2017).

Tal fato retoma o racismo velado no país, que o Rap se empenha em combater, juntamente aos movimentos negros. Gomes (2019) explica que este movimento traz o debate sobre o racismo para os holofotes e cobra necessidade de políticas públicas, assim como busca empoderar e inspirar os seus iguais.

O Rap então age como ferramenta para esse movimento, de forma a expressar essas ideias para os jovens periféricos, como o Rapper Jhony MC expressa em sua música “Negro”:

Eu bato no peito, eu sou negro
Eu não afrodescendente, eu sou negro
Eu não sou pretinho, eu sou negro
E foda-se se não vem mais escrito na certidão
Essa é a verdade
Nasci negro, eu vou morrer negro
E se até branco quer ser negro
Por que eu deveria ter vergonha da minha cor, ein?”
(JHONY, 2019)

Por meio dessa cultura do Rap os jovens ganham força para resistir e lutar com a influência do contexto do *Hip Hop*, de maneira política através do movimento negro. A luta do movimento negro passa pelo conceito de negritude. Criado pelo francês Aimé Césaire (1939), entende-se por negritude o simples fato de se conhecer como negro, aceitar sua cultura e sua história.

O contexto de popularização tanto do Rap quanto dos movimentos negros fez com que essa cultura chegasse na elite majoritariamente branca, e esse contato fez com que os jovens brancos se interessassem pela cultura e mais ainda, despertassem um desejo de ser negro, os chamados ‘*wanna-be*’ (LEDBETTER, apud ANDRADE, 1999). Esse interesse pode ser interpretado como uma ação da branquitude, de querer ocupar um espaço que não lhe pertence. O *rapper* Djonga, na sua música “Obstinado”, exemplifica esse anseio do jovem branco de pertencer à cultura, sem ter as mesmas vivências de jovens periféricos.

E tem uns mano que wannabe preto porque fuma cannabi'
E viu uns presunto
Mas num passa um dia o que eu passo em dez ano



Nunca mais toca no assunto
(DJONGA, 2019)

O Rap também tem um papel de promover a educação fora da forma tradicional das escolas, desde o seu princípio. Andrade (1999) explica que como a estrutura escolar não se abre para as experiências sociais dos alunos, o Rap se torna canal para o jovem ser ouvido. A autora cita uma narrativa a um projeto feito com os jovens na década de 1990, chamado “Rap...ensinando a educação”, que fazia essa interação das culturas para que o ambiente escolar fosse um local que abraça as vivências desses jovens.

Ao trazer para a atualidade o Rap continua com esse caráter, como a Universidade Estadual de Campinas, que em 2019 incluiu o livro *Sobrevivendo no Inferno*, do Grupo de Rap Racionais MC, na lista de leitura obrigatória para a realização do vestibular. Isso mostra a notoriedade que a cultura do Rap ganhou com o passar dos anos até mesmo no âmbito acadêmico.

O Rap ainda apresenta outra vertente, que é a “ostentação”, que representa o sucesso e o poder de posse dos MC’s, sobre coisas que eles nunca tiveram antes, exemplificado na música “Novo Balanço” do *rapper* Veigh (2023):

Eu sempre estive aqui, só você não viu
É bem mais fácil ser visto agora
Hoje que nós tá forte, pra você, serviu
E não era assim, onde nós chega, nós forga
(VEIGH, 2023)

É importante ressaltar que essa busca pelo dinheiro não se desprende dos conceitos do Hip Hop, o compromisso com o movimento e o elemento do conhecimento são os regentes do gênero, porém, vide a realidade dos artistas serem majoritariamente de periferia, o objetivo de melhoria de vida, conquista de bens é uma temática presente nas letras de rap.



Com a crescente midiaticização do Rap Brasileiro sendo o quinto estilo musical mais ouvido no país⁴, para além de um canal de denúncia, o Rap então se torna um meio de ascender economicamente, possibilitando uma melhora de vida e a quebra da manutenção da pobreza que a população periférica como um todo vive (SANTOS, LEITE, 2017). Assim como a popularização do estilo implica em um crescimento de empregos vinculados ao Rap, como *beatmakers*⁵, produtores, contratantes de shows, dançarinos, etc, cria-se um mercado de trabalho ao redor do Rap.

2.3 Reportagem multimídia

Este projeto foi realizado na forma de reportagem multimídia. Ao analisar o caráter do tema, esse formato consegue expressar a musicalidade do Rap através de áudios e vídeos, bem como possibilita uma narrativa literária das vivências dos jovens periféricos pelo texto. De acordo com Winkes (2017, p.12), “a grande reportagem multimídia é um gênero revigorado, com conteúdos expressos em diversos códigos, quais sejam: linguístico, sonoro, icônico ou estilístico”.

O avanço do uso de *smartphones*, *notebooks* e *tablets* impacta também na forma de consumo do jornalismo. Nunes (2014) afirma que o jornalismo é uma área que está em constante mudança, tanto na maneira que é produzido quanto editado, e explica que as técnicas “de produção e distribuição de produtos jornalísticos estão intimamente ligadas aos aparatos tecnológicos existentes em cada período de tempo, sendo responsáveis pela mudança na maneira como o jornalismo é visto e entendido pela sociedade” (NUNES, 2014, p13).

Por se tratar de um projeto mais longo, existe a necessidade de recursos para entreter o leitor e o instigar a continuar a leitura, então os hipertextos e a multimídias fazem esse papel. Longhi (2010) cita a justaposição e a integração como os dois formatos de se apresentar uma

⁴ Rap sendo o quinto estilo musical mais ouvido do Brasil em 2023.

<https://globo.com/cultura/noticia/2023/11/retrospectiva-spotify-este-foi-o-genero-musical-mais-ouvido-no-brasil-em-2023.ghtml>

⁵ É o produtor de Beat, similar ao Dj.



reportagem multimídia. A primeira coloca os recursos midiáticos de forma que possam ser consumidos separada e consecutivamente. Já a segunda é a junção dos recursos midiáticos criando uma nova linguagem, com vídeo, foto e áudio se interligando, o que se faz necessário, visto a temática musical, possibilitando uma interatividade maior do leitor com o texto, também considerando o público alvo jovem, que necessitam de uma comunicação dinâmica.

Uma ferramenta que foi utilizada para produção da reportagem é o jornalismo literário, que se trata a utilização dos elementos literários do conhecimento, técnicas e estilos narrativos para a prática jornalística (CASTRO, 2010). Ele é utilizado para uma matéria diferente do padrão jornalístico, deixando de lado os conceitos do lead e também não possui um deadline, ultrapassando a atualidade, para contextualizar ainda mais o tema, mas é importante ressaltar que ele não abandona os princípios jornalísticos, ainda há apuração dos fatos, observação e a ética (PENA, 2007).



3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este projeto representa para mim mais que um trabalho de conclusão de curso. É também uma forma de agradecer a um movimento que tem grande influência na minha vida pessoal, agora impactando também a minha jornada acadêmica. A criação desta reportagem multimídia me possibilitou também apresentar um gênero musical que não é reconhecido da forma que deveria ser em Campo Grande, expor os seus artistas que lutam para que nosso estado como um todo seja referência no Rap e que acima de tudo buscam uma forma de ascender por meio do movimento e da mesma forma ajudar outros a crescerem juntos

Considero concluídos os meus objetivos traçados para este projeto, com uma execução coesa, apresentando o rap em Campo Grande, mesmo que não tenha tido a profundidade desejada e requisitada. As trajetórias das minhas fontes foram narradas, sua relação com o movimento, seus sonhos que serão realizados com a música de ferramenta. Tudo isso graças a uma ampla pesquisa prévia sobre o assunto e uma seleção precisa de fontes, para que o produto final ficasse completo explorando todas as valências desejadas. As captações e produção dos materiais multimídia foram satisfatórias, causando uma imersão do consumidor e apresentando a ele este mundo que é o rap e o Hip Hop como um todo, mas principalmente na capital sul mato-grossense.

Ao final deste projeto, onde trato a questão dos sonhos individuais que por meio do coletivo do rap são realizados, não poderia ser diferente comigo, esta reportagem é a concretização do meu sonho como jornalista e acima de tudo como pessoa, retratando um movimento que sempre me acolheu.



4. REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Elaine, Nunes. **Rap e educação, rap é educação**. 1 ed. São Paulo: Selo Negro Edições, 2000.
- BASTOS, Pablo Nabarrete. Contribuições históricas do Movimento Hip Hop para a luta contra o racismo e para a comunicação da juventude negra e periférica. **Revista de Comunicação Dialógica**, [S. l.], n. 3, p. 65–80, 2020. DOI: 10.12957/rcd.2020.50369. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/rcd/article/view/50369>. Acesso em: 6 maio. 2024.
- BACO EXU DO BLUES. **Bluesman**. São Paulo. EAEO Record. 2018. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=82pH37Y0qC8&ab_channel=BACOEXUDOBLUES
- CAMPOS, Ricardo, Marnoto, de, Oliveira. Juventude e culturas de rua híbridas. **Sociologia & Antropologia**, v. 10, n. 2, p. 587–613, maio 2020. Acesso em: 6 de maio. 2024.
- BATISTA, W. M.. A inferiorização dos negros a partir do racismo estrutural. **Revista Direito e Práxis**, v. 9, n. 4, p. 2581–2589, outubro 2018. Acesso em: 04 de dezembro. 2024.
- BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- BK. **Gigantes**. Rio de Janeiro. Pirâmide Perdida Records. 2018. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=BX6vH4vW0Tk&ab_channel=BK%27
- BK. **O Próximo Nascer Do Sol**. Rio de Janeiro. Pirâmide Perdida Records. 2016. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=V1TbiL9vqAA&ab_channel=BK%27
- BLUE, Ice. Entrevista a Amanda Massuela e Patrícia Homsidisse. A Estrutura da Evolução de Ice Blue. **Revista Cult**, n. 192, 16 ago. 2013. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/estrutura-da-evolucao-de-ice-blue/>. Acesso em: 15 de novembro. 2024.
- CASTRO, Gustavo de. **Jornalismo literário**. Brasília: Casa das musas, 2010. Disponível em https://www.academia.edu/download/61111860/Jornalismo_Literario_20191103-3382-11qllp.pdf Acesso em: 1 de maio.2024.
- CÉSAIRE, Aimé. **Cahier D'UN Retour Au Pays Natal**. s.n ed. França: Presence Africaine, 2000.
- COELHO, Amanda, Oliveira; ALVES, Fariza, Barreto; CABEÇA, Mariana, Mendonça. **Guia de reconhecimento sobre branquitude** [Livro eletrônico]: educando para a diversidade. São Paulo. [s.n.].2022.
- CORUJEX. **Oração**. Campo Grande. Corujex. 2024. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=9fHB9eOKXIo&ab_channel=Corujex%F0%9F%A6%89



CORUJEX. **Menor da Leste**. Campo Grande. Corujex. 2024. Disponível em:
https://www.youtube.com/watch?v=aJr8-f8VVcA&ab_channel=Corujex%F0%9F%A6%89

DELACRUZ, DJONGA, FELIPE RET. **Obstinado**. São Paulo. Pineapple StormTV. 2019.
Disponível em:
https://www.youtube.com/watch?v=etZWWS8oEh0&ab_channel=PineappleStormTV

DJONGA. **Conversa com uma mina branca**. Belo Horizonte. A Quadrilha. 2022. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=K60JEbq-fQE>

DJONGA. **NÓS**. São Paulo. CEIA Ent. 2021. Disponível em:
https://www.youtube.com/watch?v=VO0f5Q99BD8&ab_channel=Djonga

DU MATO. **D'kebrada**. Campo Grande. Records DK. 2024. Disponível em:
https://www.youtube.com/watch?v=E9XCNjEkSKo&ab_channel=DuDato

DU MATO. **Meu Corre (Lágrimas dos meus pais)**. Campo Grande. Records DK. 2023.
Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=uFwRiWV3OXc&ab_channel=DuDato

EMICIDA. **Isso não pode se perder**. São Paulo. Laboratório Fantasma. 2010. Disponível em:
https://www.youtube.com/watch?v=AonYAu7ilz4&ab_channel=Emicida

EMICIDA. **Levanta e anda**. São Paulo. Laboratório Fantasma. 2013. Disponível em:
https://www.youtube.com/watch?v=GZgnl5Ocu8&ab_channel=Emicida

GOMES, Nilma Lino. **O Movimento Negro educador: Saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

GRIOT URBANO. GRIOT URBANO #5 - Elementos do Hip Hop. YouTube. 11 de set. de 2015.
14min39s. Disponível em:
https://www.youtube.com/watch?v=VSHXBEdnXbk&ab_channel=GriotUrbano. Acesso em: 01 maio. 2024

JHONY MC. **Negro**. Rio de Janeiro. Bagua Records. 2019. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=opP7UkD0O9Y>

LEALL. **Cadeia ou Morte?**. Rio de Janeiro. LEALL. 2021. Disponível em:
https://www.youtube.com/watch?v=WjKpMvzdf2M&ab_channel=LEALL

LONGHI, Raquel Ritter. Os nomes das coisas: em busca do especial multimídia. **Estudos em Comunicação**, v. 2, n. 7, p. 149-161, mai 2010.

NUNES, Ana Luísa Angeletti. **Jornalismo na internet: a nova narrativa das reportagens multimídia**. Monografia. Universidade Federal de Viçosa, Minas Gerais. 2014. Disponível em:
<https://www.jornalismo.ufv.br/wp-content/uploads/2018/06/AnaLuisaTCC.pdf> . Acesso em: 25 de abril. 2024.



PENA, Felipe. O jornalismo literário como gênero e conceito. **Contracampo**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 17, p. 43-58, dez. 2007.

SANTOS, Mayara dos; LEITE, Tiago Pereira. “O RAP É UMA COISA QUE CONECTA, TÁ LIGADO?!”: RESSIGNIFICANDO CONTEXTOS DE JOVENS EM CUMPRIMENTO DE MEDIDA SOCIOEDUCATIVA. **Revista Labor**, [S. l.], v. 1, n. 17, p. 42–61, 2017. DOI: 10.29148/labor.v1i17.19298. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/labor/article/view/19298>. Acesso em: 6 maio. 2024.

SANTOS, Aparecida; MENDONZA, Babette; ELIAS, José. O rap reinterpretando na rima o dia a dia da comunidade. In: **NÚCLEO DE FOLKCOMUNICAÇÃO**, Congresso Anual em Ciência da Comunicação, 2 a 6 de setembro. 2003, Belo Horizonte, MG. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/40442192583802985609385885297389135823.pdf>. Acesso em: 04 maio. 2024.

VEIGH. **Novo Balanço**. São Paulo. Esc & Supernova Ent. 2023. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=fEUCYAd0KGM&ab_channel=VEIGH

VIEIRA, Daniela; SANTOS, Jaqueline. **Racionais, entre o gatilho e a tempestade**. Rio de Janeiro, RJ: Perspectiva, 2023.

WINQUES, Kérley. Experiências Geracionais na Interface da Grande Reportagem Multimídia. **Comunicação - Reflexões, Experiências, Ensino**. v. 13, n. 2. p. 9-24. Curitiba. 2017. Disponível em: https://web.archive.org/web/20180426152328id_/http://ojs.up.com.br/index.php/comunicacao/article/viewFile/703/288. Acesso em: 02 de maio. 2024.